

RECORDANDO J. V. PINA MARTINS

A convite do tradutor da *Utopia*, devo dizer algumas palavras a propósito da morte de José Vitorino de Pina Martins¹. Nenhuma autoridade me confere o direito de estar aqui, apenas a da amizade, da admiração e de algum modo de uma certa companhia intelectual que partilhei com ele durante todos estes anos de vida longa para ele, para mim, mas sempre curta para todos nós. Numa das passagens mais idílicas, bucólicas, do Evangelho se diz: “passemos para a outra margem”. O nosso amigo Pina Martins já está nessa outra margem; e nós, numa margem dessa margem, falando dele como se deve falar sempre dum ser humano, e sobretudo daqueles que admiramos e de que fomos amigos.

Fui companheiro de geração de Pina Martins, e tenho o sentimento de que estou aqui mais falando em nome duma geração no seu crepúsculo, muita dela já partida, do que em próprio nome pessoal. Conheci-o em Coimbra, ainda mal. Conheci-o primeiro como poeta, Duarte de Montalegre, em primícias poéticas que ele não gostava muito de evocar, mas que não o envergonham, nem naquele momento nem, e muito menos, hoje. Depois, segui-o nas suas peripécias de Leitor, um desses que vão lá para fora pregar a palavra da cultura portuguesa, sendo ouvidos ou não ouvidos, os melhores são sempre escutados — as coisas nunca caem, realmente, no silêncio.

¹ Este texto é transcrição, realizada por Eva Maria de Pina Martins, filha do extinto, e Aires A. Nascimento, sobre gravação sonora da intervenção feita, a pedido do presidente da celebração (P.e Aires A. Nascimento), por Eduardo Lourenço, no final das exéquias litúrgicas de José Vitorino de Pina Martins que tiveram lugar na Basílica da Estrela.

Penso que uma das coisas mais extraordinárias que aconteceram a José Vitorino de Pina Martins foi a sua ida para a Itália. Tive quase a impressão de que a Itália o tinha revelado a si mesmo e sobretudo de que o tinha entusiasmado para ser um admirador, quase um companheiro fora do tempo, daquele tempo sem tempo que nós chamamos o Renascimento, de que ele foi entre nós não só um erudito notável e de que deixou testemunho, a que dedicou o seu labor intelectual, sobretudo aos grandes nomes de Erasmo e de Pico della Mirandola. Foi aí que encontrou também a mulher da sua vida, aqui presente. E essa Itália, pelo menos aquela Itália daquele tempo, foi para ele também como se descobrisse uma outra dimensão à cultura europeia, uma dimensão de tolerância e de liberdade, que não era muito a da atmosfera pátria daquela época. E aí se apaixonou por aqueles Mestres efectivamente não só da luz do Renascimento mas duma tolerância, duma liberdade de espírito.

Quando se frequenta Erasmo, não se pode ficar imune a essa missão de livre pensamento, de liberdade, de ironia (e não por conta de cepticismo), sem consequências e sem efeitos demolidores, mas em função de qualquer coisa que era de facto o ideal verdadeiramente de Erasmo, essa famosa filosofia cristã, não tanto por ser filosófica, mas porque o Cristianismo pensava nessa altura ainda poder pôr a filosofia ao seu próprio serviço.

Jovem, Pina Martins leu com paixão o autor dos *Pensées*. Aquele homem que parecia unicamente interessado pela Musa propriamente erudita mais do que pela Musa de filosofia, da angústia, etc., dedicou ao pensador cristão mais representativo da modernidade, que nós chamamos Pascal, uma das suas primeiras obras. E penso que isso o marcou para sempre. Sobretudo aquele aspecto de “condottiere” quase que faz lembrar a figura francesa que se chamou André Suarès¹, uma espécie de paladino do Renascimento.

¹ André Suarès (pseudónimo de Félix-André-Yves Scantrel, 1868-1948), poeta e crítico francês, foi um dos quatro pilares da *Nouvelle Revue Française*, ao lado de André Gide, Paul Claudel e Paul Valéry. Entre as suas obras conta-se *Voyage du condottiere: Vers Venise, Firenze, Sienne la bien-aimée*, 1910, em que recolhe as suas impressões de uma viagem por Itália em 1893 (nota de A.N.).

Havia em Pina Martins um ar quase quixotesco, o que ele era na vida, tolerante, mas igualmente capaz de defender realmente as suas ideias, sem ter o mínimo respeito humano, no sentido habitual do termo, de se calar diante daquilo que não lhe parecia nem justo nem verdadeiro.

Além de tudo o que todos nós sabemos, e daquilo que os jornais têm sublinhado, chamando-lhe “humanista”, ele acompanhou toda a sua vida duma preocupação bibliófila dedicada sobretudo à época do renascimento. E daí nasceu uma biblioteca única no contexto cultural português, uma maravilhosa biblioteca, que merecia ela só, se não andássemos distraídos, que ela fosse o centro, o coração de qualquer instituto do Renascimento entre nós, porque é realmente uma obra absolutamente admirável. Espero que os poderes públicos saibam que existe em Portugal qualquer coisa que não tem comparação em parte nenhuma, a não ser nas grandes bibliotecas do mundo. E isso é obra de Pina Martins. E aquilo que ele lega como valor não é o de troca.

Mas, o mais importante é a sua própria obra de *cultor*, de pensador desse momento extraordinário que continua ainda na memória da cultura europeia, e sobretudo hoje quando tantas nuvens se acumulam sobre ela, esse lugar solar – qualquer coisa de que se pensava que a humanidade ia entrar numa nova era, numa era que o século XVIII pensou chamar época das Luzes, mas que continua sempre aquela mistura de luz e treva que provavelmente caracteriza a história da humanidade e caracterizará sempre.

Santo Agostinho escreveu a certa altura que todos morremos humilhados pela vida, como se precisássemos duma espécie de lição para que unicamente o essencial se preservasse e ficasse incorruptível. Pina Martins não foi poupado às agruras normais da vida, mas hoje o que conta é essa espécie de aura, de aura *simbólica*, mas ao mesmo tempo real, do amor que ele consagrou àquilo que muitos pensam que é um universo muito particular e restrito, quase uma espécie de mania, o gosto da erudição. Mas a erudição é a glória da inteligência e da cultura, em todo o caso, da cultura que nós consideramos como amor daquilo que há de mais importante na nossa tradição.

A erudição tal como a cultivou e soube cultivar é uma espécie de ficção de outra ordem admirável. Nessa outra margem onde agora está, vai ter o tempo todo por conta dele para reler aqueles textos de leitura infinita que já foram, nesta vida, a sua paixão e amor.

EDUARDO LOURENÇO